

ESTÉTICA E ÉTICA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE SOBRE FENÔMENOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS

Thales de ANDRADE*

RESUMO

O presente artigo trata da questão da estetização das relações sociais no mundo contemporâneo. O aparato tecnológico construído na sociedade moderna redefine a produção cultural, aproximando-a das manifestações estéticas e de entretenimento. É necessário ao conhecimento sociológico discutir metodologias que sejam capazes de captar os aspectos estéticos que permeiam as relações sociais e colocar em debate a questão ética que envolve este assunto.

Palavras-chave: Estética, ética, técnica.

ABSTRACT

The present article deals with the aesthetics of social relations in contemporary world. The technological apparatus built in modern society shapes culture, involving it in aesthetics and entertainment procedures. It is necessary for sociology to discuss methodologies able to understand the aesthetics within social relations and stipulate an ethical debate on these matters.

Key-words: Aesthetics, ethic, technique.

(*) Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e docente do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Campinas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um esforço de apresentar contribuições metodológicas para a análise sociológica interessada nas questões culturais e políticas da atualidade. A discussão sobre a performatização da vida cotidiana e a estetização das relações sociais vem ganhando espaço na agenda sociológica, o que faz necessário um acompanhamento da parte dos cientistas sociais para lidar com esses fenômenos, extremamente complexos e muitas vezes parcialmente compreendidos.

A importância da reflexão ética para a regulação do alcance e dos sentidos da experiência estética deve ser também ressaltada. Para muitos autores, entre os quais nos incluímos, é fundamental a consolidação da ética enquanto norteadora das manifestações ficcionais e estéticas contemporâneas, sem a qual os limites entre a realidade social e as construções ficcionais podem ser perigosamente comprometidos (Colombo, 1990). Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Este artigo se destina a colaborar com os debates travados no Laboratório de Estudos Sociedade, Ética e Cidadania (LESEC) e representa uma tentativa de se consolidar uma abordagem multidisciplinar sobre a realidade social brasileira juntamente com outras vertentes teórico-metodológicas de análise.

Inicialmente tentaremos discutir sinteticamente a estetização das relações sociais e suas implicações. O conceito de espetáculo pode ser utilizado nesse percurso, ele auxilia a compreender os papéis sociais e a importância do fenômeno estético para a condição de experiência do cidadão moderno. Outro aspecto relevante é o papel das tecnologias informacionais nesse processo, de forma que sua inserção na sociabilidade moderna redefine o sentido e o alcance da realidade social, e impõe novos indicadores de apreensão dessa mesma realidade.

A seguir discutiremos recursos metodológicos que podem ser de valia na compreensão dessa dimensão da realidade social.

Serão salientadas as possibilidades e limitações dos arcabouços sociológicos de análise para abranger essa realidade estetizada que se impõe contemporaneamente. Ao final, serão tratadas as implicações éticas do uso recorrente da perspectiva estética que caracteriza a moderna sociabilidade.

A QUESTÃO DO ESPETÁCULO

Muitas das dificuldades da análise sociológica para compreender os fenômenos culturais residem em sua tentativa de decifrar os conteúdos e os significados das obras, textos e imagens que se apresentam cotidianamente. Essas obras e textos, perfiladas constantemente aos cidadãos modernos, podem ser discutidos enquanto espetáculos, fenômenos dotados de significação específica.

O espetáculo, muito mais do que um momento de celebração das obras artísticas, constitui um tipo de relacionamento dos homens com os objetos ao seu redor. Vejamos o que nos oferece o Novo Dicionário Aurélio acerca do termo *Espetáculo*:

"1) Tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar...; 2) Contemplação, vista...; 3) Representação teatral, exibição de cinema, televisão etc...; 4) Cena ridícula e/ou escandalosa..." (Ferreira et alli., 1986: 704).

Atração pelo olhar, contemplação, representação, cena, escândalo. Idéias aparentemente díspares entre si que, no entanto, concatenam talvez o fenômeno social mais ostensivo, inquestionável e muitas vezes despercebido de nosso tempo.

Dois aspectos chamam atenção a partir da definição do Novo Dicionário Aurélio. De um lado, temos a importância destacada de um dos sentidos humanos em particular, a visão. Olhar, contemplação, cinema, teatro e televisão constituem elementos que convergem

para um mesmo ponto, a visão, faculdade que passa a adquirir proeminência na definição de situações espetaculares. É relevante notar que tecnologias ou situações em que esse sentido não está tão presente, como por exemplo o rádio, não são contempladas na definição. De outro, percebe-se que o espetáculo implica também em encenação, representação de eventos. Certas circunstâncias sociais adquirem o estatuto de espetáculo na medida em que carreguem em si efeitos de sedução junto a determinadas pessoas, objetos ou lugares. Nem todos os indivíduos são capazes de se colocarem na cena espetacular, uma vez que sua capacidade de despertar o desejo do outro é um atributo intransferível.

Em outras palavras, o espetáculo é uma forma de relacionamento humano com os objetos exteriores em que ocorre uma contemplação, uma exposição de significados sem uma condição de experiência correspondente da parte dos espectadores. Os papéis e responsabilidades estão todos postos de antemão e as situações inusitadas só o são para os que participam na condição de espectadores, ou seja, o controle dos movimentos do espetáculo é prerrogativa fundamental de seus promotores.

No interior da sociabilidade moderna, esse esquema é apontado como uma norma, e se reproduz não apenas à cena artística mas também às relações de poder, a esfera privada, os eventos bélicos etc. Os fenômenos sociais podem ser continuamente tratados e enfocados na forma espetacular, em que a perspectiva do entretenimento e a estetização imperam, são mais fundamentais que os dados objetivos e a realidade social (Debord, 1997).

Na conformação desse amplo palco social, um elemento se sobressai: as modernas tecnologias de comunicação. Podemos encontrar vestígios da teoria do espetáculo ainda nos anos trinta, período de ascensão do nazi-fascismo na Europa. Walter Benjamin adverte sobre os perigos da estetização das práticas políticas contida nos cerimoniais dos grupos nazistas, momento em que a arte se deixa aprisionar pelo pensamento autoritário¹.

Mas será a partir dos anos sessenta que o debate sobre o espetáculo se fortalece no cenário intelectual (Debord, 1997; Baudrillard, 1983). Os cientistas sociais começam então a advertir que os fenômenos sócio-políticos podem ser convertidos e posteriormente consumidos enquanto signo, dado especificamente técnico e intercambiável. Sua concretude vai se esvaindo, de acordo com o potencial de armazenamento e distribuição das tecnologias de comunicação². Faz-se necessária, portanto, atentar para a instrumentalização da técnica moderna na construção dos cenários sociais.

Nos anos noventa, a impregnância do entretenimento na vida cotidiana alçou à condição de tema obrigatório em se tratando da sociabilidade moderna. Cientistas oriundos de perspectivas teóricas diferentes passaram a enxergar no entretenimento a linguagem predominante das modernas interações sociais. E o uso das tecnologias eletrônicas em sentido performativo foi o elemento que deu o suporte fundamental para essa predominância da experiência social enquanto manifestação estética³. Sem recair em posições deterministas, pode-se afirmar que esse arcabouço tecnológico potencializou um investimento na performatividade engendrado pelos posicionamentos sociais predominantes.

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E A QUESTÃO ESTÉTICA

A partir de agora podemos investir na discussão acerca dos recursos metodológicos que as Ciências Sociais dispõem para compreender a sociabilidade enquanto processo estético.

Uma forma de análise sociológica recorrente é procurar nos textos e imagens propiciadas pela produção cultural aspectos ideológicos, de concepções políticas que permeiam essas manifestações.

Essa compreensão da atividade comunicacional em termos ideológicos não permite entender um aspecto essencial dos

dispositivos eletrônicos, que consiste na utilização performática dos recursos audiovisuais disponíveis em uma perspectiva voltada ao entretenimento.

A título de exemplo, apontaremos uma pesquisa recente que realizamos, dedicada a tratar da estetização da questão ambiental pela televisão⁴. As concepções sobre meio ambiente e sustentabilidade do setor televisivo não estão disponíveis em termos de posições político-partidárias. Através destas, não é possível compreender a abordagem do veículo. O enfoque do dispositivo televisivo sobre a problemática ambiental é marcada pela utilização de diferentes artifícios de entretenimento e recursos performativos.

Diferentes recursos de narração se sobrepõem nos filmes analisados. Constatou-se que diferentes gêneros são apresentados aleatoriamente: recursos ficcionais (atores), jornalísticos (entrevistas), estilos de documentários (imagens e locução em off), formato de revista, efeitos de dramaticidade (recursos sonoros, falta de enquadramento, *flash-back*), publicidade (discurso direto) e entretenimento (videoclips).

Não foi realizada uma análise exaustiva dos conteúdos expressos nos programas televisivos. Apostamos que as técnicas de análise e decodificação dos conteúdos, tão freqüentemente utilizadas em investigações sobre mídia, não surtiriam efeito. Tampouco foi buscado o produtor enquanto narrador oculto (abordagem luckacsiana), que permeia as obras culturais e fornece sentido aos projetos coletivos que as embasam.

Distante desses caminhos metodológicos, a perspectiva escolhida foi a de explorar as modalidades estéticas e técnicas situadas nos movimento de construção dos cenários. Através da modalidade instrumental performativa das técnicas modernas foi possível detectar o envolvimento dos dispositivos eletrônicos como criadores, e não apenas reprodutores, de abordagens sobre a realidade (Rodrigues, 1990). É como se a representação dos fenômenos

tivesse sido substituída pelo seu engendramento técnico, fruto de intervenções de fundo estético.

O interacionismo simbólico é uma vertente que descreve as relações sociais como fruto de posturas simuladas e efeitos cênicos. A vida em sociedade seria um jogo de representação, um grande teatro, em que os atores improvisam e se reconhecem mutuamente, atuando de maneira a intervir nas cenas do mundo comum⁵. De certa forma essa abordagem é precursora das investigações sociológicas atuais que enfocam a estetização da vida social. Mas ela não reconhece a importância do arcabouço tecnológico nesse processo, o qual tem sido reconhecido como agente performativo e construtor de cenários apenas pelas tendências mais contemporâneas.

Através da percepção da intervenção performativa das tecnologias eletrônicas torna-se possível captar uma série de fórmulas e recursos de ordem ficcional entrecruzados com posturas não ficcionais que reengendram o social, alçando-o à condição de fenômeno estético.

Outro aspecto importante nessa construção metodológica: os indivíduos são colocados continuamente frente a fórmulas ficcionais, que não se prestam a uma averiguação acerca de sua falsidade. Nos termos de Subirats (1989), estabelece-se no espetáculo uma diferença fundamental entre a ideologia e o elemento estético:

“...o fato de o simulacro não poder ser compreendido simplesmente como uma réplica enganadora, menos ainda como uma consciência falsa... O sujeito individual faz necessariamente face a essa ficção, não como uma interpretação ou legitimação da realidade, mas, antes, como uma segunda realidade ontologicamente mais intensa do que a realidade de sua experiência individual...” (Subirats, 1989: 83).

E essa criação de simulacros e situações prazerosas é regida pela lógica do entretenimento. Uma lógica que passa a permear a sociabilidade na grande maioria de suas manifestações. Para

compreender o papel ocupado por essa perspectiva do lúdico na sociabilidade moderna, é necessário analisar os imbricamentos entre realismo e ficção.

Aspectos tradicionalmente distintos, realismo e ficção, suas confluências podem ser atestadas ao se enfocar os princípios tecnológicos que regem a estética espetacular. Seus limites podem ser rompidos, e uma metodologia que se concentre unicamente em conteúdos expressos pode ser incapaz de captar os efeitos desse entrecruzamento entre ficção e documento. Faz-se necessário um olhar que detecte como que tecnicamente é possível estetizar a realidade social e quais suas implicações na vida coletiva (Virilio, 1993).

IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA ESTÉTICA MODERNA

É preciso sublinhar que essas implicações se relacionam diretamente a problemas éticos. Diversos autores chamam atenção para os riscos de uma sociabilidade vulnerável às montagens e aos enredos dramáticos. A profusão de imagens e acontecimentos que acercam o cidadão moderno e dialogam com ele continuamente tendem a substituir o real, com sua concretude e seus conflitos, pelos jogos efêmeros e pela sedução publicitária.

Mais do que uma questão de ordem técnica ou ideológica, a capacidade de dotar o mundo social de aspectos ficcionais impõe uma reflexão sobre os limites éticos dessa criação que se diz estética. Os contornos que separam o verossímil da criação ficcional precisam ser claramente delineados, mediante o risco da construção social de uma estética que não se autoproclama como tal, reivindicando um estatuto de verdade que se torna inquestionável, uma vez que é inverificável.

O posicionamento de Ramos (1994) frente a esse debate é esclarecedor. Analisando a questão do sensacionalismo nos veícu-

los de comunicação, o autor aponta que esse elemento é um recurso narrativo capaz de aglutinar em seu interior os mais diversos acontecimentos, imprimindo a todos eles a sua marca específica. Ou seja, qualquer situação social pode se moldar à lógica do traumático e do sensacional, mediante o uso dos recursos cênicos apropriados. A partir disso, segundo ele,

“... surge a questão ética de como se posicionar, em espectador, face não só à imagem traumática mas igualmente à sua curvatura sensacionalista. Questão particularmente pertinente quando nos vemos inseridos dentro de uma sociedade que, já há um século e meio, é inteiramente permeada e fascinada pelos efeitos e potencialidades dessa forma de constituição imagética que se delinea a partir da mediação da câmera...” (Ramos, 1994: 27).

Essa discussão remete ao rompimento da relação segura que marcava as situações ficcionais anteriores, formada por sujeitos e objetos. Se os objetos observados pelo cidadão moderno não se dão a conhecer de forma total mas enquanto efeitos simulação, esse cidadão pode perder sua condição de sujeito. Torna-se um espectador não sujeito, e submetido às regras da autorreferencialidade dos veículos de produção estética (Colombo, 1990).

CONCLUSÃO

Um constructo ético faz-se necessário de modo a reinstaurar o cidadão na condição de sujeito conhecedor dos acontecimentos sociais, sendo capaz de segui-los e de se orientar conscientemente entre eles.

Os autores que discutem o avanço das tecnologias digitais e das imagens numéricas, criadas a partir de modelos abstratos, apontam os diversos problemas que podem emergir caso não exista controle efetivo da sociedade sobre esses incrementos técnicos.

Uma das questões fundamentais consiste em não tornar essa linguagem tecnológica e estética em um idioma restrito a pequenos grupos (Scheps, 1994). Caso isso ocorra, prevê-se a construção de um novo tipo de segregação social, fundada no hiato entre, de um lado, os letrados na gramática visual; e de outro os analfabetos tecnológicos, situados a priori em posição de desvantagem frente às condições de representação das relações sociais. Para estes, discernir entre o montante de imagens disponíveis aquelas situadas em uma postura estética ou documental tende a se tornar tarefa extremamente difícil.

Outro elemento que é posto em debate atualmente, e possui implicações éticas importantes, são as inúmeras e imprevisíveis condições de trucação possibilitadas pelas modernas técnicas. As capacidades visuais ilimitadas encaminham a sociedade para o mundo das imagens enganosas, em que é possível articular tempos e circunstâncias diferentes em uma mesma seqüência, criando continuamente ilusões de veracidade (Virilio, 1996).

Imagens de arquivo e simulações em computador podem ser agrupadas criando situações irreais mas indistinguíveis, a partir de uma estética avançada mas perigosa que, controlada por grupos sociais descomprometidos eticamente, levam à construção de um projeto nebuloso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, T. H. **Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira**, Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas.
- BALANDIER, G. **El poder en escenas**, Barcelona, Paidós, 1994.
- BAUDRILLARD, J. **Simulations**, New York, Semiotext [e], 1983.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Tradução: José Lino Grünnewald, Col. **Os Pensadores**, São Paulo, Abril, p. 5-28, 1983.

- COLOMBO, F. El icono ético - la imagen de síntesis y un nuevo paradigma moral, in: **Videoculturas de fin de siglo**, Madrid, Cátedra, p.145-156,1990.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Contraponto, Rio de Janeiro,1997.
- FERREIRA, A. et al. **Novo dicionário Aurélio**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**, Petrópolis, Vozes, 1975.
- IANNI, O Príncipe Eletrônico, **Primeira Versão**, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas,1998.
- RAMOS, F. Imagem traumática e sensacionalismo, **Imagens**, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, nº02, p.18-27,1994.
- REQUEÑA, J. G. **Discurso televisivo: espectáculo de la posmodernidad**, Madrid, Cátedra,1992.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da comunicação**, Presença, Lisboa, 1990.
- SCHEPS, R. (org.) **O império das técnicas**. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Papyrus, Campinas,1996.
- SUBIRATS, E. **A cultura como espetáculo**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo, Nobel, 1989.
- VIRILIO, P. **Guerra e cinema**. Tradução: Paulo Roberto Pires. São Paulo, Scritta, 1993.
- VIRILIO P. **A arte do motor**. Tradução: Paulo Roberto Pires. Estação Liberdade, São Paulo,1996.

NOTAS

- (1) Ver BENJAMIN,1983.
- (2) Sobre isso ver BAUDRILLARD, 1983.
- (3) Ver BALANDIER,1994; IANNI,1998; REQUEÑA,1992.
- (4) ANDRADE,1998.
- (5) Ver especialmente GOFFMAN,1975.